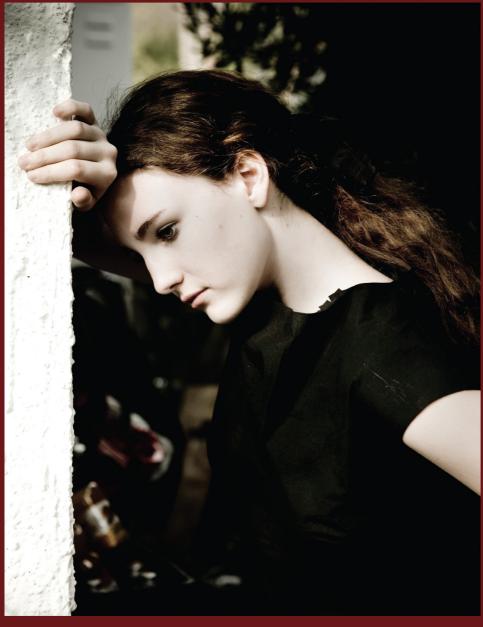
Elena Ferrante História do Novo Nome

A Amiga Genial — Segundo Volume



RELÓGIO D'ÁGUA

História do Novo Nome

A Amiga Genial — Segundo Volume

Juventude

Relógio D'Água Editores Rua Sylvio Rebelo, n.º 15 1000-282 Lisboa tel.: 218 474 450 fax: 218 470 775 relogiodagua@relogiodagua.pt www.relogiodagua.pt

Storia del nuovo cognome © 2012 Edizioni e/o Publicado por acordo com The Ella Sher Literary Agency

Título: História do Novo Nome

A Amiga Genial — Segundo Volume — Juventude

Título original: Storia del nuovo cognome

L'amica geniale — Volume secondo — Giovinezza (2012)

Autora: Elena Ferrante Tradução: Margarida Periquito Revisão de texto: Inês Dias Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, julho de 2015

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em: www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-544-0

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda. Depósito Legal n.º: 395964/15

Elena Ferrante

História do Novo Nome

A Amiga Genial — Segundo Volume

Juventude

Tradução de Margarida Periquito Na primavera de 1966, Lila, num estado de grande agitação, confioume uma caixa de metal que continha oito cadernos. Disse que não podia continuar a tê-los em casa, receava que o marido os lesse. Levei a caixa comigo sem fazer comentários, à parte algumas piadas irónicas à grande quantidade de cordel que lhe amarrara em volta. Naquela fase as nossas relações eram péssimas, mas parecia que só eu as considerava como tal. Ela, as poucas vezes que nos víamos, não manifestava qualquer embaraço, era afetuosa, nunca deixou escapar uma palavra hostil.

Quando me pediu que jurasse que nunca abriria a caixa por motivo nenhum, jurei. Mas assim que entrei no comboio desatei o cordel, tirei os cadernos para fora, comecei a ler. Não era um diário, embora contivesse narrações pormenorizadas de factos da sua vida a partir do final da escola primária. Parecia mais o esboço de uma obstinada autodisciplina de escrita. Abundavam as descrições: um ramo de árvore, os pauis, uma pedra, uma folha com as nervuras brancas, as panelas de casa, as diversas partes da máquina de café, a braseira, o carvão e o cisco, um mapa do pátio com todos os pormenores, a rua larga, o esqueleto de ferro enferrujado atrás dos pauis, os jardins e a igreja, o corte da vegetação atrás da via-férrea, os prédios novos, a casa dos pais, os instrumentos que o pai e o irmão usavam para consertar os sapatos, os seus gestos quando estavam a trabalhar, e sobretudo as cores, as cores de cada coisa nas diferentes horas do dia. Mas não havia só páginas descritivas. Surgiam palavras isoladas em dialeto e em língua, por vezes encerradas num círculo, sem comentário. E exercícios de tradução para latim e grego. E textos completos em inglês sobre as lojas do bairro, sobre as mercadorias, sobre a carroca a abarrotar de fruta e legumes que Enzo Scanno conduzia de rua em rua todos os dias, levando o burro pela arreata. E muitas considerações sobre os livros que lia, sobre os

16 Elena Ferrante

filmes que via na sala do padre. E também muitas das ideias que defendera nas discussões com Pasquale, nas conversas que eu e ela tínhamos. É certo que a sequência não era contínua, mas qualquer coisa que Lila aprisionasse na escrita assumia um relevo tal que, mesmo nas páginas escritas aos onze ou doze anos, não encontrei uma única linha que parecesse infantil.

As frases em geral eram de uma precisão extrema, a pontuação muito cuidada, a caligrafia elegante, como a professora Oliviero nos ensinara. Mas por vezes Lila, como se uma droga lhe tivesse inundado as veias, parecia não aguentar a ordem que se impusera. Então, tudo se tornava ofegante, as frases adquiriam um ritmo agitado, a pontuação desaparecia. Geralmente não era preciso muito para que reencontrasse um andamento descontraído e claro. Mas também podia acontecer que se interrompesse bruscamente e enchesse o resto da página com desenhinhos de árvores retorcidas, montanhas corcovadas e fumegantes, faces carrancudas. Fiquei tão obcecada com a ordem como com a desordem, e quanto mais lia mais enganada me sentia. Quanto exercício se escondia na carta que ela me enviara para Ischia anos antes: por isso estava tão bem escrita. Voltei a guardar tudo na caixa, prometendo a mim mesma nunca mais bisbilhotar o seu conteúdo.

Mas depressa cedi à curiosidade, pois desprendia-se dos cadernos a força da sedução que emanava de Lila desde pequena. Tratara o bairro, a família, os Solara, Stefano, cada pessoa e cada coisa, com uma precisão impiedosa. E o que dizer da liberdade que tomara em relação a mim, em relação àquilo que eu dizia e que pensava, às pessoas que eu amava, ao meu próprio aspeto físico. Gravara momentos que para ela eram decisivos, sem se preocupar com nada nem com ninguém. Expressava claramente o prazer que sentira quando, aos dez anos, escrevera o pequeno conto A Fada Azul. E também, com idêntica clareza, aquilo que sofrera por a nossa professora Oliviero não se ter dignado dizer uma única palavra sobre o conto, que aliás ignorara. Exprimia contrariedade e fúria por eu ter seguido para a escola média sem querer saber dela, abandonando-a. Ali se lia o entusiasmo com que aprendera a arte de sapateiro, e o sentimento de desforra que a induzira a desenhar novos sapatos, assim como o prazer de confecionar um primeiro par juntamente com o irmão Rino. E depois o desgosto, quando o pai, Fernando, dissera que os sapatos não estavam bem feitos. Havia de tudo naquelas páginas, mas de forma especial o ódio aos irmãos Solara, a feroz determinação com que repelira o amor do mais velho, Marcello, e o momento em que decidira namorar com o calmo Stefano Carracci, o dono da charcutaria, que por amor fizera questão de comprar o primeiro par de sapatos feito por ela, jurando que o guardaria para sempre. Ah, o agradável momento em que, aos quinze anos, se sentira uma senhorinha rica e elegante, de braço dado com o noivo que, só porque a amava, investira uma grande soma de dinheiro na sapataria do pai e do irmão, a sapataria Cerullo. E que satisfação experimentara: a confeção de muitos dos sapatos que desenhara, uma casa no bairro novo, o casamento aos dezasseis anos. E que faustosa festa de casamento, como se sentira feliz. Depois, no auge da festa, Marcello Solara aparecera, com o irmão Michele, trazendo nos pés justamente o par de sapatos pelo qual o seu marido dissera ter tanta estima. O seu marido. Com que género de homem se casara? Agora, depois do facto consumado, tiraria a cara falsa e passaria a mostrar-lhe a verdadeira, monstruosa? Perguntas, e os factos nus e crus da nossa miséria. Dediquei-me muito àquelas páginas, durante dias, ao longo de semanas. Estudei-as, acabei por aprender de cor as partes que me agradavam, as que me exaltavam, as que me hipnotizavam, as que me humilhavam. Por trás da sua natureza escondia-se sem dúvida um artifício, mas não consegui descobrir qual era.

Por fim, uma noite de novembro, exasperada, saí e levei a caixa. Não aguentava mais sentir Lila por fora e por dentro de mim, agora que eu até era muito estimada, agora que até tinha uma vida fora de Nápoles. Parei sobre a ponte Solferino e fiquei a ver as luzes filtradas através de uma neblina gelada. Pousei a caixa no parapeito, empurrei-a devagarinho, pouco de cada vez, até que caiu no rio como se fosse ela, a própria Lila, a cair, com os seus pensamentos, as suas palavras, a maldade com que pagava a todos na mesma moeda, olho por olho, o seu modo de se apropriar de mim, como fazia com qualquer pessoa, ou coisa, ou acontecimento, ou informação que lhe passasse ao alcance: os livros e os sapatos, a doçura e a violência, o casamento e a noite de núpcias, o regresso ao bairro no seu novo papel de senhora Raffaella Carracci.